

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Autoria estudantil e diversidade linguística no ensino de inglês com inteligência artificial generativa

Eduardo Prestes de Lima

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18226>

Submetido em: 2026-09-29

Postado em: 2026-10-23 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

AUTORIA ESTUDANTIL E DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO ENSINO DE INGLÊS COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA

STUDENT AUTHORSHIP AND LINGUISTIC DIVERSITY IN ENGLISH EDUCATION WITH GENERATIVE ARTIFICIAL INTELLIGENCE

Ensaio teórico

Eduardo Prestes de Lima

Mestre em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, câmpus de Frederico Westphalen. Professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Colégio Estadual José Benincá, rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. E-mail: eduardolima909@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6610-9654>.

RESUMO: Este ensaio discute as condições pedagógicas e analíticas para compreender a autoria estudantil em produções escritas e multimodais em língua inglesa mediadas por inteligência artificial generativa. O argumento parte de uma dissertação de mestrado sobre tecnologias digitais nos anos finais do Ensino Fundamental e aprofunda questões formuladas em um pré-projeto de doutorado voltado ao Ensino Médio público. Adota-se um percurso bibliográfico interpretativo, com seleção intencional de trabalhos sobre multiletramentos, translinguagem, letramentos críticos em inteligência artificial e educação linguística, articulados às proposições educacionais do mestrado. Defende-se que a qualidade formal do produto final é insuficiente para caracterizar autoria ou aprendizagem, pois pode ocultar decisões delegadas ao sistema e apagamentos de repertórios locais. Como contribuição conceitual, propõe-se tomar o episódio de decisão autoral como unidade de análise, relacionando a formulação inicial, a sugestão automatizada, a intervenção discente e sua justificativa situada. A discussão desdobra essa proposta em critérios de atenção à diversidade linguística, à verificabilidade das afirmações e à responsabilidade pela circulação dos textos. Apresentam-se exemplos hipotéticos e orientações para organizar portfólios de processo e avaliação formativa, sem atribuir eficácia empírica às proposições. Conclui-se que a integração crítica da inteligência artificial demanda condições institucionais de acesso e mediação docente que permitam aos estudantes interrogar e transformar os recursos disponibilizados.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria estudantil. Inteligência artificial generativa. Letramentos críticos. Translinguagem. Ensino de inglês.

ABSTRACT: This theoretical essay examines the pedagogical and analytical conditions for understanding student authorship in written and multimodal English productions mediated by generative artificial intelligence. Its argument builds on a master's dissertation on digital technologies in lower secondary education and extends questions formulated in a doctoral research proposal focused on Brazilian public upper secondary education. An interpretive bibliographic approach brings together purposefully selected studies on multiliteracies, translanguaging, critical artificial intelligence literacies, and language education, alongside the dissertation's educational proposals. The essay argues that the formal quality of a final product is insufficient to establish authorship or learning, since it may conceal decisions delegated to a system and the erasure of local repertoires. Its conceptual contribution is the authorial decision episode as an analytical unit connecting an initial formulation, an automated suggestion, a student's intervention, and its situated justification. This proposal is developed into criteria addressing linguistic diversity, the verifiability of claims, and responsibility for textual circulation. Hypothetical examples and guidelines for process portfolios and formative assessment illustrate the argument without claiming empirical effectiveness. The essay concludes that critical integration of artificial intelligence requires institutional access and teacher mediation that enable students to question and transform available resources rather than merely reproduce polished outputs.

KEYWORDS: Student authorship. Generative artificial intelligence. Critical literacies. Translanguaging. English education.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS: Quando um estudante usa inteligência artificial para escrever em inglês, um texto bem apresentado não mostra, sozinho, o que ele compreendeu ou decidiu. Uma sugestão automática pode corrigir uma frase, mas também modificar uma ideia, retirar uma expressão importante para a comunidade ou acrescentar uma informação sem fonte. Este artigo discute como professores podem acompanhar essas escolhas. A reflexão retoma uma pesquisa de mestrado sobre atividades digitais nas aulas de inglês e propõe observar momentos em que o estudante aceita, modifica ou recusa uma sugestão, explicando seus motivos. Exemplos imaginados mostram como trabalhar com campanhas escolares e expressões locais, valorizando diferentes formas de usar as línguas. O artigo recomenda guardar algumas versões do texto, conversar sobre mudanças importantes e conferir informações antes da publicação. As atividades apresentadas ainda precisam ser investigadas em sala de aula. A proposta é ajudar a escola a usar a inteligência artificial de modo que os estudantes tenham oportunidades de aprender, participar e assumir responsabilidade pelo que comunicam.

Introdução

Um texto em inglês pode chegar à sala de aula com organização coesa, vocabulário variado e poucas inadequações gramaticais sem que seu autor consiga explicar por que determinada expressão foi escolhida. A disponibilidade de sistemas de inteligência artificial generativa torna essa situação especialmente relevante para a educação linguística. O problema não se esgota na identificação de quem digitou cada frase. Interessa compreender quais decisões o estudante tomou, quais pôde discutir e quais foram incorporadas sem interpretação suficiente. Essa mudança no foco da avaliação exige examinar a produção textual como processo social e pedagógico, incluindo as condições de participação oferecidas pela escola.

No ensino de inglês, o problema autoral se relaciona às políticas de reconhecimento das línguas e dos conhecimentos. Quando se solicita a um sistema que torne um texto mais natural, a naturalidade pressuposta pode apagar uma referência cultural ou ajustar a escrita a uma variedade que não corresponde ao público pretendido. Uma formulação gramaticalmente aceitável pode, portanto, alterar a posição de quem escreve. A discussão sobre IA generativa precisa acompanhar esses deslocamentos, sobretudo quando a aprendizagem envolve estudantes que mobilizam o português, conhecimentos parciais de inglês e recursos visuais para participar de práticas de linguagem.

Este artigo se baseia na dissertação “Tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa nos anos finais do Ensino Fundamental: proposições educacionais”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, câmpus de Frederico Westphalen, sob orientação de Ana Paula Teixeira Porto (Lima, 2025). A pesquisa bibliográfica apresentou proposições para o 9º ano, envolvendo memes e tirinhas no Canva e um jogo narrativo no Genially. O presente ensaio aprofunda essa base ao interrogar a autoria e a diversidade linguística em situações nas quais sistemas generativos oferecem formulações textuais. Não reproduz os capítulos da dissertação nem relata uma aplicação dessas proposições com IA.

O aprofundamento também dialoga com um pré-projeto de doutorado que prevê investigar a escrita e a produção multimodal em inglês na primeira série do Ensino Médio público. Esse documento funciona como horizonte de problematização, sem constituir fonte de resultados. A passagem entre etapas escolares corresponde a uma ampliação do objeto: da elaboração de proposições para tecnologias digitais à análise das decisões envolvidas na interação com sistemas generativos. O ensaio concentra-se nas questões conceituais e pedagógicas dessa passagem, deixando a investigação de sua realização efetiva para uma pesquisa posterior.

A pergunta que organiza a discussão é: sob quais condições a integração da IA generativa ao ensino de inglês pode tornar as decisões autorais dos estudantes discutíveis e documentáveis, preservando espaço para repertórios linguísticos e conhecimentos situados? Sustenta-se que a autoria deve ser investigada na relação entre intervenções textuais, razões apresentadas e condições de participação. Sua compreensão depende de como se distribuem as oportunidades de propor, avaliar e reformular sentidos. Esse argumento impede que o acabamento formal de um texto seja tomado como evidência suficiente de aprendizagem, mas também evita atribuir ausência de autoria a toda produção que tenha recebido apoio automatizado.

A contribuição proposta é uma unidade de análise denominada episódio de decisão autoral. Ela relaciona o estado inicial de uma produção, uma intervenção sugerida pelo sistema, a resposta do estudante e os critérios mobilizados para justificá-la. Essa unidade permite formular perguntas sobre preservação de sentidos, escolhas linguísticas e responsabilidade pela circulação sem reduzir a autoria à contagem de palavras alteradas. Trata-se de uma proposta interpretativa, ainda não validada empiricamente. Seu valor será discutido por meio da articulação teórica e de exemplos hipotéticos, acompanhados de limites e implicações para o desenho de atividades.

1 Percorso bibliográfico e delimitação do ensaio

O texto constitui um ensaio teórico de base bibliográfica, orientado pela construção de um argumento e pela análise de suas implicações. A seleção da literatura foi intencional: buscou-se reunir contribuições capazes de relacionar produção de sentidos, diversidade linguística e interação com sistemas de IA. A consulta, concluída em setembro de 2026, utilizou combinações de termos como multiletramentos, autoria, translinguagem, letramentos críticos de IA, ensino de inglês, generative AI e AI literacy. Foram consultados portais de periódicos, páginas de editoras e repositórios institucionais para verificar dados bibliográficos e acessar os textos disponíveis. Não se realizou uma revisão sistemática nem se pretende representar quantitativamente a produção do campo.

O percurso reúne quatro conjuntos de interlocução. A pedagogia dos multiletramentos oferece uma discussão sobre diversidade e transformação dos recursos semióticos. A translinguagem permite problematizar fronteiras naturalizadas entre línguas e o reconhecimento dos repertórios dos participantes. Os estudos de letramentos em IA oferecem dimensões para compreender, avaliar e utilizar esses sistemas. A produção recente em Linguística Aplicada introduz questões sobre mediação sociotécnica, agência e educação linguística. A dissertação de Lima (2025) é retomada como trabalho antecedente e como fonte das proposições que motivam o aprofundamento.

A seleção priorizou a pertinência conceitual, a identificação de autoria e publicação e a possibilidade de conferir as afirmações utilizadas. Os textos não foram reunidos para sustentar uma sequência evolutiva em que a IA substituiria etapas anteriores da educação digital. Cada interlocução responde a um problema distinto. O diálogo entre elas também preserva tensões: abordagens centradas no ser humano e perspectivas pós-humanistas não possuem pressupostos

idênticos sobre agência, embora possam contribuir para examinar como responsabilidades são distribuídas em situações educativas.

As proposições do mestrado foram examinadas especialmente nas páginas 100 a 120, e suas possibilidades de aprofundamento nas considerações finais, páginas 121 a 129. As citações da dissertação seguem a paginação impressa do documento, que difere da contagem do visualizador do PDF. Os exemplos utilizados neste ensaio foram elaborados exclusivamente para a argumentação. Não correspondem a textos de estudantes, saídas registradas de uma plataforma ou dados de pesquisa. Tampouco se testou o desempenho comparativo de modelos em diferentes línguas. Quando se discute um possível apagamento ou deslocamento, apresenta-se uma hipótese analítica, não uma frequência observada.

Esse recorte define o alcance das conclusões. O ensaio permite propor critérios e identificar problemas que merecem investigação, mas não demonstra efeitos sobre proficiência, autonomia ou aprendizagem. As categorias formuladas constituem pontos de partida para observação e discussão. Sua adequação dependerá de estudos em situações concretas, atentos a usos imprevistos, desacordos entre participantes e alternativas interpretativas. Essa distinção é necessária para que a contribuição teórica não seja apresentada como um instrumento de avaliação já validado.

2 Das proposições digitais à problematização da mediação generativa

A dissertação de Lima (2025) vinculou tecnologias digitais ao planejamento de práticas de inglês que combinassem produção textual e recursos multimodais. A primeira proposição trabalhou com memes e tirinhas; a segunda, com um jogo narrativo que incorporasse expressões da cultura digital. Em ambas, o interesse formativo se encontrava na elaboração de mensagens para situações de interação, e não somente no domínio de funções de uma plataforma. O roteiro didático foi descrito como mediação entre conhecimento sistematizado e experiências dos estudantes, com atenção à autoria e ao uso social da língua.

Essa orientação aparece na afirmação de que “cada atividade proposta carrega consigo uma determinada concepção de linguagem, de ensino, de aprendizagem e de sujeito” (Lima, 2025, p. 101). A passagem permite compreender o planejamento como escolha epistemológica. Pedir a um estudante que produza um meme envolve decisões sobre quem pode falar, que repertórios são reconhecidos e que tipos de conhecimento terão valor na avaliação. A inclusão da IA em uma atividade também exige tornar essas escolhas explícitas, pois o sistema pode

participar da formulação de frases, do desenvolvimento de argumentos e da organização do material visual.

Não se trata de estabelecer uma oposição absoluta entre plataformas de edição e plataformas generativas. Interfaces de design já oferecem modelos, padrões e recomendações; a criação digital sempre ocorre em ambientes que favorecem algumas ações e dificultam outras. Além disso, uma mesma plataforma pode incorporar funções de diferentes tipos. A distinção relevante para este artigo diz respeito ao grau e ao objeto da delegação em uma tarefa específica. Selecionar uma disposição visual e solicitar uma reformulação de conteúdo colocam problemas diferentes, ainda que essas operações apareçam na mesma interface.

Considere-se a produção de uma tirinha sobre uma situação da comunidade escolar. Na atividade proposta no mestrado, o professor poderia acompanhar a relação entre imagem, sequência narrativa e fala dos personagens. Se um sistema generativo passar a sugerir todo o diálogo, será necessário perguntar também quais relações sociais foram pressupostas nessa sugestão. O conteúdo pode introduzir uma representação que os estudantes não reconhecem, transformar o humor ou generalizar uma experiência. O objeto da intervenção pedagógica passa a incluir o exame da proposta recebida e dos motivos para incorporá-la.

A passagem da produção digital para a produção com mediação generativa, assim, não equivale a acrescentar um recurso a um roteiro intacto. Ela solicita rever os momentos em que o estudante encontra um problema, testa uma solução e responde por suas escolhas. Uma atividade centrada na entrega de um produto pronto pode oferecer pouco espaço para esse exame. Já uma tarefa que acompanha versões e discute alterações torna possível observar o trabalho de interpretação, inclusive quando o estudante decide manter uma sugestão sem modificar sua redação.

As considerações finais da dissertação apresentam o aprofundamento em diferentes contextos escolares como possibilidade de continuidade (Lima, 2025, p. 128). O presente artigo assume essa abertura sem transportar para a IA alegações de eficácia das propostas originais. A elaboração de um material didático oferece fundamentos para seu uso, mas não substitui a investigação daquilo que acontece durante a implementação. O mesmo cuidado vale para a noção de autoria: prever atividades de reflexão não assegura que os participantes consigam realizá-las, nem que as condições escolares permitam acompanhá-las adequadamente.

3 Multiletramentos e diversidade nas práticas de inglês

O New London Group (1996) propôs ampliar a compreensão do letramento diante da diversidade cultural e linguística e da multiplicação dos modos de significação. Essas duas dimensões precisam permanecer relacionadas. Uma atividade que combina palavras e imagens pode ser multimodal e ainda assim restringir os modos legítimos de falar e conhecer. No ensino com IA, a variedade de formatos produzidos não basta para caracterizar uma orientação inclusiva. É necessário examinar quais experiências encontram condições de expressão nesses formatos.

Cope e Kalantzis (2009) discutem a produção de sentidos em termos de transformação de recursos disponíveis. Essa contribuição permite pensar a escrita como redesenho, em que a apropriação de materiais envolve escolhas orientadas por finalidades e relações sociais. Para este ensaio, as sugestões generativas podem integrar os recursos disponíveis, mas sua incorporação precisa ser examinada na tarefa. O interesse analítico está em como um participante as interpreta e em que medida consegue confrontá-las com o que deseja comunicar.

Uma campanha escolar sobre descarte de resíduos, por exemplo, pode circular em inglês e português, combinando imagens e informações locais. Seu objetivo comunicativo não exige que o português desapareça durante o planejamento ou que toda referência seja substituída por uma expressão reconhecível fora da comunidade. A turma pode discutir quais partes precisam de tradução, quais devem receber explicação e quais recursos visuais contribuem para o entendimento. Essas escolhas fazem da aprendizagem de inglês uma oportunidade de ampliar interlocuções e refletir sobre o acesso à mensagem.

Li Wei (2018) apresenta a translanguagem como uma perspectiva para compreender práticas que atravessam fronteiras entre línguas nomeadas e outros sistemas semióticos. Essa interlocução ajuda a questionar a ideia de que o percurso de produção deva permanecer exclusivamente na língua-alvo para ter valor educativo. A presença do português em uma discussão pode sustentar uma decisão sobre o inglês; uma imagem pode esclarecer um referente que a tradução verbal não resolve. Isso não dispensa o ensino de recursos linguísticos específicos, mas situa esse ensino na ação que os estudantes procuram realizar.

O reconhecimento de repertórios exige cuidado com o modo de caracterizar a turma. Frequentar aulas de inglês ou empregar algumas expressões da internet não autoriza pressupor proficiência multilíngue homogênea. As histórias de contato com línguas precisam ser conhecidas, e a possibilidade de participação deve acolher níveis diferentes de familiaridade.

Neste artigo, a referência a repertórios plurais designa um princípio de atenção às práticas e aos recursos disponíveis, sem antecipar o perfil linguístico dos participantes da futura pesquisa.

A BNCC situa o ensino de inglês em uma perspectiva de língua franca e problematiza sua identificação exclusiva com falantes de países hegemônicos (Brasil, 2018). Essa orientação fornece um ponto de apoio para discutir solicitações de correção dirigidas à IA. Pedir um inglês adequado demanda explicitar para quem, em qual situação e com que efeito. Uma resposta padronizada pode ser útil para determinado gênero, mas a escolha de uma variedade não deve ser naturalizada como propriedade universal da língua ou como critério suficiente de qualidade.

Na escrita de uma campanha local, uma expressão menos frequente pode ser mais adequada ao propósito do que uma formulação sofisticada. O estudante pode precisar aprender recursos para explicar uma prática cultural a novos leitores, em vez de eliminar essa prática da mensagem. O professor, por sua vez, pode distinguir um problema de inteligibilidade de uma preferência estilística do sistema. Essa distinção cria oportunidades para ensino explícito: comparar alternativas permite discutir como o vocabulário, a sintaxe e o contexto alteram a interpretação.

Essa proposta também afeta o papel das imagens. Se uma campanha inclui uma fotografia de um espaço comunitário, a relação entre legenda e imagem pode preservar um conhecimento que uma reformulação verbal deixaria pouco visível. Perguntar apenas se a frase está correta perde parte do trabalho semiótico. O episódio autoral pode envolver mudar a legenda, manter um nome próprio ou escolher outra imagem. A análise precisa acompanhar o objeto relevante da decisão e os efeitos pretendidos para o público, sem privilegiar antecipadamente uma modalidade.

4 Letramentos críticos em IA e distribuição de responsabilidades

Long e Magerko (2020) discutem o letramento em IA por meio de competências relacionadas à avaliação crítica, à comunicação e ao uso desses sistemas. Ng et al. (2021) organizam uma revisão exploratória em dimensões de compreensão, aplicação, avaliação e criação, além de questões éticas. Essas contribuições mostram a insuficiência de um ensino restrito à operação de comandos. No contexto aqui delimitado, saber obter uma resposta utilizável precisa se relacionar à capacidade de examinar o que essa resposta introduz e o que o estudante consegue sustentar.

O domínio de técnicas de solicitação não oferece, sozinho, critérios para julgar o valor de um enunciado. Uma instrução detalhada pode melhorar a correspondência entre resposta e

pedido sem resolver a confiabilidade de uma informação ou a pertinência de uma representação. Por isso, o letramento crítico precisa incluir perguntas sobre a relação entre a resposta, as fontes disponíveis, os interesses em jogo e as condições de participação. A tarefa escolar deve oferecer ocasiões concretas para formular essas perguntas, em vez de mencionar a criticidade apenas como objetivo geral.

Buzato e Gonsales (2025) propõem uma abordagem de letramentos críticos de IA que considera a interação em assemblagens cognitivas e interroga a separação simplificada entre um sujeito e uma ferramenta neutra. O diálogo com essa perspectiva permite reconhecer que as decisões se constituem em relações sociotécnicas. Um estudante age dentro de uma situação composta por interface, tarefa, modelos de linguagem, recursos escolares e expectativas de avaliação. Essa distribuição da atividade não elimina a necessidade de discutir responsabilidades; torna necessário identificar quem pode alterar suas condições e responder por seus efeitos.

O argumento deste ensaio distingue a distribuição da produção da responsabilidade educacional. A influência do sistema sobre um texto não é equivalente à capacidade de justificar pedagogicamente seu conteúdo perante colegas e leitores. Ao mesmo tempo, atribuir toda responsabilidade ao estudante seria inadequado se a escola tivesse imposto o uso de uma plataforma sem oferecer condições de interpretação e escolha. A mediação docente e as decisões institucionais integram a situação autoral. A responsabilidade discente precisa ser ensinada e compartilhada em condições proporcionais às possibilidades de ação de cada participante.

Miao e Holmes (2023), em orientação publicada pela UNESCO, enfatizam agência humana, proteção de dados, equidade e adequação do uso de IA às condições educacionais. Para o desenho de atividades, essas dimensões requerem decisões anteriores ao primeiro comando: quais materiais poderão ser inseridos, quem terá acesso à ferramenta e que alternativas existirão para quem não a utilizar. Não é suficiente instruir estudantes a conferir respostas quando eles não dispõem de fontes, tempo ou apoio linguístico para realizar a conferência.

Em uma tarefa com adolescentes, os registros do processo devem ser selecionados com finalidade pedagógica clara. Guardar alguns comandos e versões pode permitir discutir uma alteração relevante; exigir o histórico integral de toda atividade digital produz outro tipo de relação com os participantes. A visibilidade da autoria não deve ser confundida com vigilância contínua. É preciso delimitar quais registros são necessários, onde serão armazenados e quem

poderá acessá-los, evitando inserir informações pessoais de estudantes em serviços públicos de IA.

O apoio generativo pode oferecer ocasiões de exploração linguística. Kohnke, Moorhouse e Zou (2023) discutem possibilidades e limites de seu uso no ensino de línguas, incluindo a necessidade de competências digitais para utilização ética. A questão pedagógica, contudo, permanece situada: uma explicação gerada pode servir à comparação de alternativas, enquanto a produção automática de uma resposta completa pode retirar do estudante o problema que a atividade pretendia colocar. A finalidade da tarefa deve orientar a extensão da delegação permitida.

Jatobá (2026), ao investigar práticas de português como língua estrangeira em Macau, discute tensões entre fluência textual, agência e revisão com IA. Seu estudo oferece um contraponto empírico à identificação imediata entre polimento e aprendizagem. Não se transportam seus resultados para a escola brasileira, pois contextos, línguas e participantes diferem. A interlocução reforça uma pergunta para a pesquisa futura: quando uma alteração melhora a superfície do texto, que evidências permitem interpretar a compreensão do participante sobre essa alteração?

O desacordo entre critérios também deve ser considerado. Uma sugestão pode tornar um texto mais convencional e simultaneamente enfraquecer seu humor ou sua referência local. A avaliação precisa admitir esse conflito, permitindo que o estudante explique por que privilegiou determinado efeito. Em uma situação educativa, a justificativa não encerra o debate; pode ser discutida com pares e revista. A autoria passa a ser compreendida como uma participação situada que se desenvolve em interlocução, sem pressupor controle completo ou consciência imediata de todas as decisões.

5 O episódio de decisão autoral como unidade de análise

Propõe-se denominar episódio de decisão autoral um segmento do processo em que uma sugestão relacionada à produção textual se torna objeto de interpretação e posicionamento. A unidade articula quatro elementos: uma formulação ou intenção inicial documentável; a intervenção sugerida; a resposta dada a essa intervenção; e uma justificativa vinculada à situação comunicativa. Esses elementos podem aparecer em escrita, conversa, anotação ou comparação de versões. Sua delimitação depende do problema observado, não de um número fixo de mensagens ou de uma etapa uniforme do roteiro.

A proposta se apoia na relação entre transformação de recursos e produção de sentidos discutida pelos multiletramentos, associada à atenção aos repertórios e às mediações sociotécnicas. Seu recorte específico é metodológico: tornar examinável uma decisão que o produto acabado tende a ocultar. Não se afirma que essa seja a primeira formulação processual de autoria com tecnologias, nem que ela substitua teorias da escrita. O episódio funciona como instrumento heurístico para aproximar conceitos amplos de registros que podem ser debatidos em uma tarefa escolar.

A formulação inicial pode ser um trecho, um esboço visual ou uma explicação oral daquilo que se deseja comunicar. A sugestão pode vir de um sistema generativo, e sua comparação com intervenções de colegas ou professores pode ser produtiva em estudos posteriores. A resposta do estudante inclui aceitar, recusar, combinar, suspender ou modificar a proposta. A justificativa informa critérios e dificuldades percebidos. Não se exige que todas essas ações sejam plenamente conscientes no momento em que ocorrem; a conversa posterior pode ajudar a reconstruir o processo, desde que seus limites sejam reconhecidos.

Essa unidade evita equiparar autoria à quantidade de modificações. Alterar muitas palavras não demonstra, necessariamente, apropriação, e manter uma formulação não implica passividade. Um estudante pode aceitar uma sugestão depois de conferir seu sentido e confrontá-la com outra alternativa. Outro pode modificar a frase apenas para ocultar sua procedência, sem conseguir discutir a mensagem. O valor analítico se encontra na relação entre ação, explicação e contexto. A investigação deve procurar evidências que sustentem essa relação, admitindo também episódios em que ela permaneça indeterminada.

Três dimensões orientam a leitura dos episódios. A dimensão linguística e semiótica examina como a decisão afeta inteligibilidade, registro e articulação entre modos. A dimensão epistêmica considera a sustentação das afirmações e o tratamento de conhecimentos locais. A dimensão de responsabilidade examina a declaração das contribuições e as condições de circulação. Essas dimensões não são uma escala de níveis nem uma rubrica psicométrica. Uma decisão pode apresentar cuidado em uma delas e dificuldades em outra, situação que deve ser descrita em vez de condensada em um julgamento global de autonomia.

Um episódio hipotético ajuda a explicitar esse recorte. Uma turma prepara uma campanha em inglês sobre uma ação de limpeza comunitária. O esboço menciona um mutirão em um espaço conhecido pelos moradores. Uma sugestão automatizada, construída apenas para este exemplo, substituiria esse referente por uma ação genérica de voluntariado. A pergunta analítica não é se o segundo texto parece mais fluente. Interessa saber se a substituição mantém o tipo de organização e participação que os estudantes desejam apresentar aos leitores.

O grupo poderia manter o termo *mutirão* e acrescentar uma explicação breve em inglês, ou escolher uma expressão alternativa que preserve o trabalho coletivo. Poderia também optar por uma tradução mais geral, justificando que o público já conhece a ação e que uma imagem fornece a referência necessária. As duas soluções exigem análise situada. A preservação literal de uma palavra não é, por si, prova de consciência crítica, assim como a tradução não constitui automaticamente apagamento. O episódio ganha consistência quando o grupo compara os efeitos e consegue explicar sua escolha.

Um segundo exemplo hipotético envolve uma campanha sobre consumo de água. Para fortalecer o argumento, uma sugestão automatizada acrescentaria uma porcentagem de desperdício sem indicar fonte verificável. O estudante pode excluir o dado, buscar uma referência ou reformular a mensagem com base em informações efetivamente disponíveis. A qualidade dessa ação não depende apenas de detectar uma inexatidão: envolve entender por que um número confere autoridade à campanha e por que essa autoridade exige sustentação. Caso a fonte não seja encontrada, a suspensão da afirmação pode constituir uma decisão responsável.

Os exemplos mostram como a mesma tarefa reúne problemas linguísticos e epistêmicos. Uma estatística sem fonte pode aparecer em uma frase correta; uma explicação culturalmente pertinente pode requerer revisão gramatical. A intervenção docente deve tratar cada dificuldade sem reduzir a outra. O episódio permite acompanhar essa relação e identificar que apoio tornou a decisão possível. A justificativa oferecida depois de uma explicação do professor não deve ser interpretada como demonstração de conhecimento que já existia antes da intervenção.

A documentação também tem limites. Uma ficha de decisão pode estimular respostas destinadas a satisfazer o professor, especialmente se a turma aprende que recusar a IA será sempre valorizado. O pesquisador deve considerar essa possibilidade e cruzar as justificativas com versões, conversas e condições da tarefa. A presença de um registro não prova autenticidade completa. Do mesmo modo, a ausência de registro não autoriza concluir que não houve interpretação. A unidade proposta exige uma leitura das evidências e das lacunas, sem converter o portfólio em certificado automático de autoria.

6 Translinguagem e autoria em relações coletivas

Uma concepção estritamente individual de autoria pode deixar pouco visíveis as condições de colaboração que sustentam a escrita escolar. Estudantes pedem ajuda, discutem palavras, recuperam expressões conhecidas e utilizam modelos. A mediação generativa integra esse ambiente e pode modificar a distribuição do trabalho. O problema é compreender como

cada participante encontra oportunidades de se posicionar e como as contribuições são reconhecidas. Um registro de decisões deve permitir acompanhar essas relações, em vez de restaurar a imagem de um escritor isolado que controla a origem de cada recurso.

Na entrevista de Silva e Makalela (2024), a translanguagem ubuntu é discutida em relação à educação multilíngue no Sul Global. Essa interlocução introduz a importância da interdependência para pensar os repertórios e a participação. No presente ensaio, ela é mobilizada como convite a examinar a construção coletiva de sentidos. Não se reivindica aplicar integralmente essa epistemologia a uma turma brasileira nem equiparar contextos africanos às escolas do interior do Rio Grande do Sul. O diálogo exige reconhecer diferenças históricas e as condições particulares de cada situação.

Para o acompanhamento da autoria, a atenção à interdependência desloca algumas perguntas. Em vez de identificar somente quem decidiu conservar uma expressão, pode-se investigar quem a explicou ao grupo, quem ofereceu outra formulação e quem teve sua contribuição acolhida. A decisão registrada como coletiva pode ocultar a predominância de um estudante com maior domínio de inglês ou de maior familiaridade com a plataforma. A colaboração não garante equidade. A distribuição de papéis e a escuta dos integrantes precisam integrar o planejamento e a análise.

Em uma campanha bilíngue, por exemplo, um estudante pode contribuir com informações locais, outro com a organização visual e outro com a elaboração em inglês. Essas contribuições são distintas, mas sua importância não pode ser estabelecida apenas pelo número de palavras escritas. Se o sistema automatizar a redação, o risco é que a avaliação continue valorizando o produto verbal e deixe de observar quem verificou um referente, identificou um problema de representação ou reformulou o propósito. O episódio autoral precisa incluir os critérios que permitem reconhecer esse trabalho.

É possível manter uma etapa de produção em inglês e oferecer discussão metalinguística em português, incluindo outras línguas quando fizerem parte dos repertórios da turma. O importante é explicitar a função de cada etapa e observar se ela favorece participação. Uma atividade que autoriza o português no planejamento, mas o trata como sinal de inferioridade na avaliação, mantém uma hierarquia pouco discutida. A coerência do desenho didático exige que o reconhecimento dos repertórios apareça também no feedback e nas oportunidades de explicar decisões.

Ao interagir com a IA, o uso de diferentes línguas nos comandos pode servir à análise de representações e adequações, desde que não seja apresentado como teste conclusivo de viés ou superioridade de um modelo. Respostas distintas podem decorrer de diferenças no pedido,

no contexto da conversa ou nas condições técnicas. Uma exploração escolar pode discutir essas diferenças e levantar hipóteses. Para uma comparação de pesquisa, seriam necessários registros e controles específicos, além de cautela para separar fluência percebida, precisão e pertinência cultural.

7 Implicações para materiais didáticos e avaliação formativa

O desenho de materiais precisa tornar a decisão autoral uma oportunidade de aprendizagem, não apenas uma obrigação de preenchimento. A atividade deve apresentar um propósito comunicativo compreensível e um problema que o estudante consiga examinar com apoio. Uma campanha multimodal ligada à comunidade escolar é uma possibilidade, mas o gênero deve ser escolhido a partir das necessidades e dos repertórios dos participantes. Não se pressupõe que qualquer tema local mobilize interesse ou que o uso de uma plataforma gere engajamento por si.

Antes da interação com IA, propõe-se discutir modelos do gênero e produzir um esboço inicial, que pode incluir texto, imagens ou explicações orais. Esse registro oferece um ponto de comparação, sem estabelecer um ideal de pureza autoral. O estudante pode utilizar dicionários, conversas e materiais de referência. A finalidade é reconhecer a intenção que orienta a produção e o problema para o qual se buscará apoio. Assim, a solicitação ao sistema pode ficar delimitada à comparação de expressões ou à discussão de uma passagem, evitando a delegação indiferenciada de toda a tarefa.

O material pode solicitar que o estudante selecione poucas intervenções relevantes para comentar. Um registro viável identifica o trecho inicial, a sugestão recebida, a decisão e seu motivo. A justificativa pode ser escrita em português, registrada oralmente ou apresentada por meio de marcações explicadas ao professor. Essa flexibilidade é particularmente importante quando dificuldades de escrita tornam uma ficha extensa uma barreira adicional. A documentação deve oferecer acesso à reflexão, sem presumir uma forma única de demonstrá-la.

Durante a revisão, o professor pode perguntar que efeito uma mudança produz e quais alternativas foram consideradas. Se a turma não consegue responder, a situação demanda ensino, e não apenas cobrança de autonomia. Pode ser necessário explicar uma estrutura do inglês, recuperar o contexto cultural ou localizar uma fonte. O registro da intervenção docente permite compreender o episódio como aprendizagem em desenvolvimento. Isso evita atribuir ao estudante, isoladamente, o resultado de um trabalho construído com apoios relevantes.

Na avaliação formativa, convém distinguir a adequação do produto, a interpretação das decisões e as condições de realização. Um cartaz pode comunicar bem e ainda incluir uma afirmação que precisa de fonte. Um portfólio pode mostrar boas perguntas e registrar uma solução linguística provisória. O feedback pode reconhecer essas diferenças, indicando o que será revisto e por quê. A avaliação deixa de premiar indistintamente a fluência automatizada e passa a acompanhar aquilo que o estudante consegue compreender, discutir e transformar com os recursos disponíveis.

O uso de detectores automáticos não substitui esse acompanhamento. A proposta do artigo não depende de identificar tecnicamente a origem de um texto nem utiliza uma classificação automática como medida de autoria. O professor pode discutir contribuições e decisões sem transformar a avaliação em investigação de suspeitas. Uma declaração breve do apoio utilizado, articulada aos registros selecionados, permite abordar a transparência como prática educativa. Ainda assim, sua presença não deve ser confundida com prova completa de aprendizagem ou de compreensão.

As condições materiais afetam a viabilidade da atividade. Se a escola dispõe de poucos dispositivos, o professor pode projetar uma interação e organizar a análise coletiva de sugestões previamente selecionadas. Uma versão impressa dessas sugestões pode apoiar a comparação de formulações. Essas alternativas possibilitam discutir a mediação generativa sem exigir contas individuais, mas produzem uma experiência diferente da interação direta com o sistema. A pesquisa deve registrar essa diferença, pois ela altera as oportunidades de solicitar reformulações e acompanhar respostas.

A inclusão também depende de tempo e acesso à mediação. A exigência de justificar cada pequena alteração pode consumir a aula e deslocar o foco da comunicação. Recomenda-se selecionar episódios em que exista um problema linguístico, cultural ou epistêmico relevante para a tarefa. O professor pode acompanhar diferentes grupos em momentos distintos e retomar casos anonimizados para discussão. O objetivo não é documentar exaustivamente tudo o que acontece, mas construir condições para examinar decisões que tenham valor formativo.

As propostas não compõem uma sequência fechada nem estabelecem duração universal. Uma turma pode precisar de mais leitura de modelos; outra, de apoio para verificar fontes ou compreender o funcionamento das sugestões. O material deverá ser revisto a partir dessas necessidades. A transferibilidade se encontra nos problemas e nos critérios explicitados, permitindo que outro professor reorganize as atividades em seu contexto. Reproduzir os mesmos comandos ou os mesmos produtos não assegura que a experiência de aprendizagem seja equivalente.

8 Limites e questões para a continuidade da pesquisa

O ensaio apresenta uma elaboração conceitual com implicações pedagógicas, mas não demonstra que o episódio de decisão autoral seja suficiente para compreender toda a autoria estudantil. Parte das escolhas permanece tácita, e participantes podem explicar retrospectivamente suas ações de maneiras diferentes. Uma análise de versões também não resolve por si a atribuição de aprendizagem. O desenvolvimento de conhecimentos linguísticos demanda observar se o estudante consegue mobilizá-los em outras situações, questão que ultrapassa a documentação de um único produto.

Uma pesquisa futura poderá acompanhar a relação entre as produções iniciais, as intervenções geradas, as decisões registradas e novas tarefas. Será necessário examinar casos em que a aceitação de uma sugestão corresponde a compreensão, assim como situações em que sua rejeição decorre de dificuldades ou orientações externas. Também será relevante observar como os estudantes entendem os pedidos de justificativa e se esses pedidos favorecem participação ou produzem apenas respostas convencionais. As categorias propostas deverão ser modificadas quando não descreverem adequadamente o processo.

A posição do professor como pesquisador exige atenção às relações de avaliação. Participar de atividades curriculares não equivale a consentir com o uso de registros em pesquisa. A futura investigação precisa separar essas dimensões, prever assentimento e consentimento quando aplicáveis e submeter seu desenho às instâncias éticas pertinentes antes da geração de dados. O presente artigo não utiliza registros de estudantes nem entrevistas. Seus exemplos hipotéticos não requerem atribuição a participantes ou apresentação de aprovação ética de um estudo inexistente.

O trabalho também não sustenta que a integração de IA seja condição obrigatória para uma educação linguística crítica. Há situações em que seus custos, restrições de acesso ou inadequação à finalidade da tarefa justificam outros recursos. Investigar a mediação inclui considerar decisões de não uso. A autonomia institucional precisa permitir discutir essa opção, especialmente quando a disponibilidade de uma tecnologia passa a funcionar como argumento suficiente para sua adoção. Os critérios pedagógicos devem permanecer abertos à recusa e à reorganização do material.

Por fim, a atenção à diversidade linguística requer uma investigação das práticas efetivas. Não se pode concluir, a partir de uma referência local preservada em um exemplo, que a atividade realiza justiça linguística. Essa análise envolve quem participa, quais contribuições são legitimadas e como o acesso ao inglês se amplia. O ensaio oferece perguntas para essa

investigação e explicita um modo de acompanhar decisões. A realização de suas possibilidades dependerá das relações construídas no contexto escolar e das evidências produzidas ao longo da pesquisa.

9 Considerações finais

A autoria estudantil em produções de inglês com IA generativa pode ser discutida a partir de decisões situadas, considerando seus efeitos linguísticos, epistêmicos e sociais. O texto final oferece uma parte das evidências necessárias, mas seu acabamento não permite reconstruir as relações de delegação e interpretação que o produziram. O argumento desenvolvido propõe acompanhar essas relações sem pressupor que todo apoio automatizado elimina autoria ou que toda revisão documentada demonstra aprendizagem.

A retomada do mestrado permitiu preservar a atenção ao planejamento docente e à produção multimodal, ampliando o foco para os problemas introduzidos pelas sugestões generativas. O episódio de decisão autoral é a contribuição específica deste ensaio: uma unidade heurística para relacionar intenção inicial, intervenção, resposta e justificativa. Sua análise requer reconhecer o apoio de colegas e professores, a possibilidade de desacordo e os limites dos registros. Essas condições impedem que a unidade seja convertida em uma escala simplificada de criticidade.

O diálogo com os multiletramentos e a translinguagem situa a diversidade no centro da tarefa. Aprender inglês pode envolver explicar referências locais, discutir variedades e mobilizar outros recursos linguísticos e semióticos. A IA participa dessa situação como mediação sociotécnica cujas sugestões precisam ser examinadas. Os critérios de naturalidade e qualidade devem ser vinculados aos interlocutores e aos propósitos da produção, permitindo aos estudantes discutir o que desejam conservar, alterar ou recusar.

Para a continuidade da pesquisa, torna-se necessário observar em que condições os registros propostos permitem interpretar decisões e produzir intervenções formativas. A investigação deverá incluir episódios ambíguos e situações em que as oportunidades de escolha são restritas. O aprofundamento da pesquisa de mestrado, portanto, se concretiza na formulação de um objeto e de critérios examináveis, mantendo em aberto sua realização empírica. A contribuição pretendida é oferecer à educação linguística um modo de discutir autoria com IA que reconheça repertórios, condições de participação e responsabilidade pelo que se comunica.

Informações adicionais

Link para preprint

[Inserir o DOI do preprint após revisão do autor e depósito em servidor que permita comentários públicos.]

Conflito de interesse

O autor declara não haver conflitos de interesse relacionados à realização e à publicação deste trabalho.

Protocolo e pré-registro de pesquisa

Este ensaio teórico não foi pré-registrado e não relata intervenção, coleta de dados ou revisão sistemática. Seu percurso bibliográfico interpretativo está descrito na seção 1.

Declaração de disponibilidade de dados

Não foram gerados nem analisados dados empíricos de participantes. As fontes bibliográficas estão identificadas nas referências. Os exemplos hipotéticos e a descrição da unidade analítica proposta estão integralmente apresentados no artigo. A dissertação antecedente é identificada pela referência completa; não se afirma disponibilidade pública em repositório sem confirmação do respectivo endereço.

Ética

O artigo é um ensaio teórico e não utiliza dados de participantes humanos. As atividades exemplificadas são hipotéticas. A eventual implementação e investigação dessas atividades constituirão estudo distinto, a ser submetido previamente à avaliação ética pertinente.

Relação com a pesquisa de mestrado

Este artigo constitui um aprofundamento teórico da dissertação de Eduardo Prestes de Lima, defendida em 2025 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, câmpus de Frederico Westphalen, sob orientação de Ana Paula Teixeira Porto. As proposições digitais do mestrado são retomadas com referência explícita, e o argumento sobre episódios de decisão autoral e mediação generativa é desenvolvido neste ensaio. O artigo não reproduz resultados de uma intervenção com IA nem se apresenta como publicação de dados da futura pesquisa de doutorado.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 29 set. 2026.

BUZATO, Marcelo El Khouri; GONSALES, Priscila. Dimensões e enfoques alternativos para um modelo de letramentos críticos de inteligência artificial. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, e44436, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6398202544436>.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. “Multiliteracies”: new literacies, new learning. **Pedagogies: An International Journal**, v. 4, n. 3, p. 164-195, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/15544800903076044>.

JATOBÁ, Júlio Reis. Educação linguística em tempos de IA: multilinguismo, humanismo e formação de professores. **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 19, e62945, 2026. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-3652.2026.62945>.

KOHNKE, Lucas; MOORHOUSE, Benjamin Luke; ZOU, Di. ChatGPT for language teaching and learning. **RELC Journal**, v. 54, n. 2, p. 537-550, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/00336882231162868>.

LI WEI. Translanguaging as a practical theory of language. **Applied Linguistics**, v. 39, n. 1, p. 9-30, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1093/applin/amx039>.

LIMA, Eduardo Prestes de. **Tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa nos anos finais do Ensino Fundamental: proposições educacionais**. 2025. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, câmpus de Frederico Westphalen, Frederico Westphalen, 2025.

LONG, Duri; MAGERKO, Brian. What is AI literacy? Competencies and design considerations. In: CHI CONFERENCE ON HUMAN FACTORS IN COMPUTING SYSTEMS, 2020. **Proceedings [...]**. New York: Association for Computing Machinery, 2020. p. 1-16. DOI: <https://doi.org/10.1145/3313831.3376727>.

MIAO, Fengchun; HOLMES, Wayne. **Guidance for generative AI in education and research**. Paris: UNESCO, 2023. DOI: <https://doi.org/10.54675/EWZM9535>.

NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. **Harvard Educational Review**, v. 66, n. 1, p. 60-92, 1996. DOI: <https://doi.org/10.17763/haer.66.1.17370n67v22j160u>.

NG, Davy Tsz Kit; LEUNG, Jac Ka Lok; CHU, Samuel Kai Wah; QIAO, Maggie Shen. Conceptualizing AI literacy: an exploratory review. **Computers and Education: Artificial Intelligence**, v. 2, 100041, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.caeai.2021.100041>.

SILVA, Kleber Aparecido da; MAKALELA, Leketi. Translinguagem ubuntu e educação multilíngue no Sul Global: uma entrevista com Leketi Makalela. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 10779-10785, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2024.e99364>.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.